

EDITORIAL

Após o número duplo XIX-XX da *Revista de Italianística*, dedicado à literatura italiana, apresentamos agora o número XXI-XXII que, respeitando a tradicional alternância da revista, aborda temas ligados à língua italiana. Para essa edição que, como a anterior, sai apenas em formato digital, selecionamos artigos da esfera dos estudos linguísticos e do ensino/aprendizagem de línguas não maternas, que focam o italiano e suas relações com o Brasil. Contribuíram à realização desse número pesquisadores brasileiros e italianos que estabelecem um diálogo de perspectivas teóricas sobre a linguagem e o ensino e nos oferecem estímulos para a reflexão nessas áreas de estudo e atuação.

O primeiro artigo tem como objetivo ilustrar a situação da pesquisa em italianística no Brasil, olhando, em especial, para os estudos linguísticos da área. Os autores **Casini** e **Romanelli**, em seu artigo “Lo stato della ricerca universitaria nell’ambito dell’italianistica in Brasile”, tomam como exemplo algumas das universidades brasileiras, onde há habilitação em língua e literatura italiana e apresentam algumas das linhas de pesquisas, além dos principais projetos desenvolvidos pelos Programas de Pós-Graduação. Segundo os autores, é possível

constatar que a difusão do estudo da língua italiana no Brasil se encontra em uma situação que deveria ser melhorada. A hipótese levantada é que isso poderia ser reflexo da falta de incentivo e de cooperação por parte das autoridades italianas no Brasil e, possivelmente, do fato que a Itália parece não conseguir se afirmar como modelo cultural forte no exterior. Diante desse quadro, vêem os autores a necessidade de um investimento que privilegie a pesquisa e a formação de docentes, e a imagem do italiano como língua que possui potencialidades para além de seu valor histórico e de sua importância como língua de imigração.

Seguem-se três contribuições que propõem, a partir de diferentes perspectivas teóricas, estudos linguísticos centrados no italiano. O artigo “L’erosione linguistica di italiani colti in contatto con il portoghese brasiliano: aspetti del sistema pronominale”, de **Ferrari, Raso e Vale**, apresenta os resultados de uma pesquisa de fôlego sobre a dita erosão linguística (ou atrito linguístico), estudada em italianos em contato prolongado com o português brasileiro. Os dados utilizados na análise são extraídos de dois *corpora*, nos quais foram observados pronomes acusativos de terceira pessoa, três tipos de *ci* (locativo, atualizante e lexicalizante) e o pronome *ne* com três valores diferentes (partitivo, argumental e locativo). As distintas estruturas dos *corpora* analisados, o primeiro baseado em entrevistas e o segundo em interações diferenciadas, permitiram concluir que as tipologias textuais são determinantes e podem justificar a presença ou a ausência dos elementos linguísticos investigados.

Também trata do contato prolongado entre italiano e português brasileiro e, embora de uma perspectiva diferente, de erosão linguística, o artigo “Estudo contrastivo do uso de alocutivos em português brasileiro, italiano e em falas de italianos bilíngues em contato prolongado com o português do Brasil», de **Maia Rocha e Raso**, no qual são comparados dados sobre o uso dos alocutivos em português brasileiro e em italiano, e também nas falas de italianos bilíngues que residem no Brasil. Para a pesquisa foi escolhida como base teórica a Teoria da Língua em Ato de Cresti, que pressupõe uma correspondência entre o enunciado e o ato de fala, assim como definido por Austin. Nesse contexto, o enunciado é entendido como a menor unidade de fala, que é possível interpretar pragmaticamente porque veicula uma ilocução, e se pode reconhecer por meio da percepção de uma quebra prosódica interpretada como conclusiva. Metodologicamente, a

pesquisa utilizou três *corpora*, nos quais foram escolhidas amostras comparáveis. Os dados parecem evidenciar que os falantes bilíngues de italiano e português brasileiro adquirem alguns aspectos no uso de alocutivos que são típicos do português brasileiro, mas mantêm outros característicos do italiano.

No texto “Sulla cortesia linguistica: un’analisi sociopragmatica di un’intervista tra Fabio Fazio e Antonio Di Pietro”, **Natale** concentra-se na análise do ato de fala da discordância, na tentativa de identificar traços conversacionais e culturais. A entrevista analisada foi realizada no programa televisivo *Che tempo che fa* e permite observar as maneiras como se manifesta a cortesia ao longo da interação, a partir da noção de *face* de Brown e Levinson, dos princípios sócio-pragmáticos de Spencer-Oatey, dos estímulos dos estudos de Kerbrat-Orecchioni e da abordagem de Duranti. A maneira como os dois falantes analisados manifestam a discordância na interação verbal selecionada mostra diferenças que podem resultar do contexto, mas também das escolhas dos interlocutores.

A seção da revista dedicada ao ensino/aprendizagem do italiano como língua estrangeira inicia-se com o artigo de **Ortale**. A contribuição da autora, cujo título é “Os problemas de ensino como instrumento na formação de professores de italiano”, traz os resultados de uma pesquisa realizada em contexto universitário com estudantes em formação, na qual partiu da junção das teorias que valorizam a reflexão na formação de professores com os pressupostos da dita Era Pós-Método, preconizada por Kumaravadivelu. A valorização da autonomia na construção do conhecimento e a afirmação de cada sala de aula como contexto único transformou também o papel do formador. A autora mostra como a reflexão sobre os “problemas de ensino” pode constituir uma ponte entre teoria e prática didática e ser um ponto de partida para a formação de um futuro professor crítico e capaz de enfrentar situações de incerteza e de transformação.

Em “Pensiero divergente e didattica dell’italiano LS”, **Torresan** discorre sobre a natureza do “pensamento divergente” e de sua relação com um importante traço para a aprendizagem: a tolerância em relação à ambiguidade. Comunicar-se em língua estrangeira inclui certo grau de imprevisibilidade, com a qual o aprendiz precisa conviver e gerir o *stress* causado pelas variáveis e a complexidade dessa ação. Tal tolerância pode ser construída em colaboração com o professor que, no início, ajuda o aluno a estruturar sua experiência, fornecendo um

apoio e um modelo de regras e, aos poucos, diminui esse apoio para dar lugar à criatividade discente, a um comportamento explorativo, iniciando-se assim o estímulo ao “pensamento divergente”. Torresan descreve o processo de ensino/aprendizagem à luz da noção de “divergente”, ilustrando com vários exemplos e propõe estratégias que podem ser utilizadas em sala de aula, desde atividades usando analogias e associações até a transformação do *input*.

No artigo “Saper osservare la pubblicità come documento interculturale”, **Pavan** oferece distintos olhares sobre textos publicitários, com os quais se obtêm subsídios para uma leitura que faz emergir traços culturais representativos do País, do momento e do meio no qual a publicidade é veiculada. A autora demonstra que, embora seja criada para o público de um determinado grupo linguístico, a publicidade se configura como um importante instrumento na didática de línguas estrangeiras, seja ela apresentada de forma estática (impresa) ou dinâmica (com áudio e vídeo), pois é passível de análise e ressalta elementos que se referem à competência linguístico-comunicativa, mas também sócio-cultural, que contribuem para o desenvolvimento de uma consciência (inter)cultural.

Conclui essa seção da revista que reúne reflexões sobre o ensino/aprendizagem do italiano como língua estrangeira o texto de **Pizzolo Torquato** com o título “Le varietà del repertorio linguistico e l’insegnamento dell’italiano come lingua straniera”. A autora parte de reflexões sobre o repertório linguístico do italiano contemporâneo e sobre as multiplicidades linguísticas presentes na Itália e, utilizando os princípios da sociolinguística, faz propostas que ajudem a pensar em como esses aspectos do italiano podem se inserir no processo de ensino/aprendizagem. Seguindo as indicações do Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas (QECR), a pesquisadora sugere que, pelo menos nos níveis iniciais, o professor deveria escolher uma variedade de língua mais “central”, isto é, menos marcada, para só depois ampliar o leque de variedades com o qual os aprendizes entrarão em contato.

No último artigo, a perspectiva passa a ser plurilíngue. **Fiorenza e Bonvino**, ao escrever “L’intercomprensione dall’italiano o verso l’italiano: un percorso fra le lingue romanze”, apresentam, colocando o italiano no centro de sua reflexão, a metodologia *Eurom*, em especial a mais recente, *Eurom5*. Essa metodologia consiste em um percurso de intercompreensão entre cinco línguas românicas:

português, espanhol, catalão, italiano e francês. Nesse percurso, dá-se prioridade às habilidades de recepção, principalmente à leitura, de forma que tal habilidade seja desenvolvida simultaneamente nas cinco línguas românicas. O resultado é que o aprendiz não somente desenvolve sua capacidade de compreensão das outras línguas como também demonstra melhorar sua capacidade de reflexão sobre a própria língua materna e acaba por ampliar suas estratégias de leitura cognitivas e metacognitivas.

As abordagens teóricas e os exemplos práticos apresentados nos artigos desse número da revista permitem que o leitor se aproxime e conheça diferentes maneiras de estudar e de ensinar a língua e descubra diferentes aspectos do italiano. Nosso desejo é que estimulem novas ideias, novas práticas e novas pesquisas.

Angela M. T. Zucchi, Elisabetta Santoro e Olga Alejandra Mordente